

A COMPOSIÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO E AS MARGENS INCONSTANTES DA LITERATURA OCIDENTAL

THE COMPOSITION OF THE LITERARY CANON AND THE SHIFTING MARGINS OF WESTERN LITERATURE

Juliana Bezerra de Oliveira Sachinski – PG-UEMS

RESUMO: Este artigo pretende tratar da composição do cânone literário ocidental, no que se refere às questões relacionadas à leitura dos clássicos e não clássicos e discutir o universo das preferências literárias, assim como valores e condições de produção em um período histórico e social.

Palavras-chave: Cânone; literatura; leitura dos clássicos

ABSTRACT: This article aims to address the composition of the Western literary canon, with regard to issues related to the reading of classic and non-classic and discuss the world of literary preferences, as well as values and production conditions in a historical period and social.

Keywords: Canon; literature; Reading the classics

Considerações iniciais

“Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.” Isaac Newton

O Cânone literário, tão falado em salas de aula dos cursos de letras e cursos afins, é debatido comumente em congressos e eventos. Mas o que é o Cânone? O que o compõe? A palavra cânone vem do grego *Kañon*, que significa medida, régua, instrumento de medir. A palavra é usada para descrever vários objetos e situações, porém o cânone literário tem um significado mais objetivo, que é o de listar as obras literárias tidas como mais valiosas ou universais de acordo com alguns parâmetros.

A prática de estabelecer um parâmetro de valores na literatura não é um ato novo. De acordo com Thomas Bonnici, tal atitude teve início no período helenístico. Sobre isso o autor afirma:

A tradição de fabricar uma lista de livros considerados excelentes foi adotada em Alexandria, Egito, durante o período helenístico (323 – 30 a.C.). Rose (1959) e Howatson (2006) afirmam que os críticos alexandrinos tinham um ‘cânone’ ou lista autorizada, que incluía Homero, nove poetas líricos gregos (por exemplo, Safo), dez oradores áticos (entre eles Demóstines), os cinco dramaturgos trágicos (entre eles Ésquilo, Sófocles e Eurípedes), sete autores de comédia (entre eles Aristófanes) e sete historiadores (por exemplo, Políbio). ‘Clássico’ é um termo alexandrino, já que *classic* é a representação latina do termo grego *Kanōn* aplicado

às listas que as autoridades da biblioteca de Alexandria redigiam referentes aos autores que consideravam serem os parâmetros nas classificações literárias (BONNICI, 2011, p. 104).

Pode-se observar que os livros que compõem o cânone literário são os chamados livros clássicos. E estes livros possuem algumas características que se concordar e se opõem. Ele pode ser ao mesmo tempo uma leitura de descoberta e aprendizado quando causar estranhamento e desconforto, como afirma o escritor Antoine Compagnon:

O clássico transcende todos os paradoxos e todas as tensões entre o indivíduo e o universal, entre o atual e o eterno, entre o local e o global, entre a tradição e a originalidade, entre a forma e o conteúdo. Essa apologia ao clássico é perfeita, perfeitas demais para que suas costuras não cedam com o uso. (COMPAGNON, 1999, p. 235)

E pode exatamente ser pelo desconforto, estranhamento ou identificação que um livro clássico entra para o cânone e lá permanece. Não obstante, é comum um adulto leitor afirmar que está relendo uma obra clássica. O autor Italo Calvino posiciona-se sobre o assunto da seguinte forma:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicada a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo (CALVINO, 2007, p. 10-11).

Assim, Ítalo Calvino sugere que a leitura de um clássico é sempre uma descoberta, e a releitura do clássico às sensações de descoberta se mantêm. É como se a obra não se esgotasse no fator surpresa e despertar de emoções, ou porque surpreende ou ainda porque não terminou de dizer o que o leitor tem de curiosidade, já que “o clássico tem a peculiaridade de se fazer esquecer, ao mesmo tempo em que planta uma semente”¹.

Mas a busca de quem escreve uma obra que pode ou não se tornar um clássico, entrando assim para a seleta lista do cânone, pode ser uma busca pelo refúgio. Nietzsche certa vez definiu a linguagem literária como uma vontade de figuração, ou mesmo o desejo de ser diferente, podendo estar em outro lugar. Tal viagem é justamente possível pelas páginas de uma narrativa literária. Para Harold Bloom, escrever significa não só ser diferente, mas escrever magistralmente em outro tempo e lugar. Assim ele afirma:

¹ Professora doutora Márcia Maria de Medeiros em sala de aula no dia 07/03/2012.

Literatura não é simplesmente linguagem; é também vontade de figuração, [...] isso significa em parte ser diferente de si mesmo, mas basicamente, creio, ser diferente das metáforas e imagens das obras contingentes que são nossa herança: o desejo de escrever grandiosamente é o desejo de estar em outra parte, num tempo e lugar nossos, numa originalidade que deve combinar-se com a herança, com a ansiedade da influência (BLOOM, 2010, p. 24.).

O Cânone e sua formação

O conjunto de características que podem provocar essa ânsia pelo diferente forma o clássico e tradicionalmente o cânone literário é formado por clássicos. Assim o termo cânone indica uma espécie de lista de obras “grandiosas” ou mesmo chamadas de “universais”. Tais obras seriam então merecedoras da academia. Essa lista não é estanque, mas geralmente sofre poucas modificações, ou ainda, as mudanças são lentas e poucas, se considerarmos o número de obras produzidas a cada ano ou século.

Sobre isso Bonnini afirma o seguinte:

Embora o cânone de nenhuma literatura moderna ou contemporânea tenha sido formalizado, raro não é que vários autores específicos sejam, vez ou outra, incluídos ou excluídos da lista. Por outro lado, Shakespeare, Cervantes, Flaubert, Manzoni e Machado de Assis, por exemplo, são os mais sólidos nomes do cânone inglês, espanhol, francês, italiano e brasileiro, respectivamente (BONNINI, 2011, p. 105.).

Esta lista “informal” pode influenciar inclusive a academia no que diz respeito às obras trabalhadas em pesquisas ou indicadas aos acadêmicos em sala de aula e até mesmo em projetos de pesquisa agregados às universidades, uma vez que se há a eleição de alguns livros e/ou autores como bons, valiosos, grandes ou dignos de leitura e pesquisa, em contra partida, há uma gama de autores/obras que são excluídos do cânone e tidos como baixas literaturas.

O leitor precisa escolher entre tudo o que existe para leitura, uma vez que seria impossível, mesmo se uma pessoa se dedicasse única e inteiramente a isso, ler tudo o que é produzido. Mallarmé popularizou a hipérbole “a carne é triste, ai, e eu li todos os livros”. Cada leitor, independentemente de pertencer a uma instituição acadêmica ou não, precisa optar pelo que lhe apetece. Assim, como toda escolha causa exclusões, quando se elege um livro para ler, todos os outros ficam excluídos naquele momento.

Sabendo-se dessa ânsia pela eleição e exclusão do leitor, autores investem em chamar a atenção dos leitores. Com uma preocupação, que segundo Harold Bloom é individual dos autores e não dos leitores, que é o fator estético.

Para Borges, independente do prestígio alcançado ou não pelo autor através de suas obras literárias, a perfeição está longe de ser alcançada em qualquer obra, por melhor que seja. Sobre esse assunto ele cita:

Não há poeta que seja a voz total do querer, do odiar, da morte ou do desespero. Ou seja, os grandes versos da humanidade ainda não foram escritos. Essa é a imperfeição com a qual deve alegrar-se nossa esperança (BORGES, p. 109. Apud, PERRONE-MOISÉS, p. 42. 2009).

Esta literatura marginalizada, excluída do seletivo grupo canônico por vezes preenche um espaço nos estudos culturais. Usando pesos e medidas diferentes para avaliar as obras julgadas como marginalizadas ou excluídas de uma lista maior, ou de maior valor literário.

Sobre esse julgamento de valor, a pesquisadora Leyla Perrone-Moisés se posiciona da seguinte forma:

[...] Precisamos é de um ensino literário que julgue Teócrito e Yeats com uma só balança, que julgue os mortos tão inexoravelmente quanto os escritores chatos de hoje, e que elogie a beleza antes de se referir a um almanaque (PERRONE-MOISÉS, 2009, p.32).

O cânone não é uma lista estanque ou até mesmo despótica. Ela pode agregar nomes e excluí-los ao longo do tempo. Porém, isso não inclui justiça ou análise mais justa de critérios de valores literários. Shakespeare, por exemplo, passou por uma trajetória de muito sucesso, adentrando o cânone, e depois amargou em ostracismo e esquecimento, até ser resgatado por Samuel Johnson e hoje permanece sendo referência em boa literatura, recebendo os louros por ser o pai da língua inglesa, mesmo com pesquisas que provam que quem criou a língua inglesa foi Geoffrey Chaucer, na segunda metade do século XIV.

Sobre este valor literário criado para o cânone e sobre ele, Antoine Compagnon defende a seguinte ideia:

Evidentemente, identificar a literatura com o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas, e, de modo mais geral, de outros gêneros de verso e de prosa. Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão; Dizer que um texto é literário subentende sempre que um outro não é. O estreitamento institucional da literatura no século XIX ignora que, para aquele que lê, o que ele lê é sempre literatura, seja Proust ou uma foto-novela, e negligencia a complexidade dos níveis de literatura (como há níveis de língua) numa sociedade. A literatura, no sentido

restrito, seria somente a literatura culta, não a literatura popular (COMPAGNON, 1999, p. 33).

Nesta escala de valores disputadas por autores e suas obras, mormente, ninguém quer estar em seu alicerce, e sim no todo da lista, como os mais celebres e geniais a produzirem obras que ao mesmo tempo respondam as expectativas dos leitores e apresente algo de novo, inovador e surpreendente.

Mas para que um seletor grupo ocupe a ponta dessa pirâmide editorial, um número muito mais elevado precisa proporcionar uma base para sustentação. São obras avaliadas pela crítica como menores, de valor literário inferior aos canônicos, e, portanto, devem ficar em uma escala abaixo dos imortalizados pelo cânone.

Esse vasto grupo, segundo a pesquisadora Leyla Perrone-Moisés, é de larga importância. Sobre este assunto ela afirma:

[...] Convém não esquecer que as grandes obras ocorrem tendo como chão e húmus uma cadeia ininterrupta de obras menores, e que os produtores da literatura presente são tão devedores das grandes obras do passado quanto dos milhares de obras menores que prepararam terreno para as maiores. (PERRONE-MOISÉS, 2009, p. 24)

Além da escala de valores atribuída às obras, e conseqüentemente a seus autores, há uma gama de autores que criticam a busca incansável de respostas através da literatura. Segundo Harold Bloom, a função da literatura não é reparar injustiças sociais. E para Italo Calvino, o clássico não tem compromisso com o ensino. O autor afirma:

Os clássicos não necessariamente nos ensinam algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas descobríamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação como sempre dá as descobertas de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. De tudo isso poderíamos derivar uma definição do tipo: Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais revelam novos, inesperados, inéditos (CALVINO, 2009, p. 12.).

Embora a leitura de livros clássicos, canônicos, seja uma contradição ao ritmo de vida da modernidade, tal leitura é ainda uma forma de descoberta e entendimento humano. Quem somos? Onde chegamos? Qual o nosso espaço social? Tais questionamentos podem ser respondidos através da literatura. Embora a literatura não tenha comprometimento em trazer ao leitor nenhuma resposta às agruras sociais. Leyla Perrone-Moisés afirma sobre a história literária que:

A história literária dos fatos gerais, baseada no princípio da casualidade, da regularidade das leis, do desenvolvimento-progresso, caiu pouco a pouco em descrédito. A busca da extensão dos efeitos desembocou no estudo sociológico,

que por sua natureza se vê forçado a deixar de lado as questões propriamente estéticas. Os escritores-críticos modernos, na qualidade de leitores mais diretamente interessados nas questões estéticas, foram os que mais resolutamente se desinteressaram desse tipo de história. A opção pela visada sincrônica subentende uma concepção a-histórica da arte, da literatura. Leva a falta de eternidade da poesia, de sua essência perene (PERRONE-MOISÉS, 2009, p. 49).

O ritmo da vida moderna, imposto e buscado pela sociedade mundial, tem refletido também na literatura. O que ler, como ler, onde e quando ler podem trazer alterações, não só no mercado editorial como no cânone.

Esta é uma eloquência de uma sociedade ocupada, com foco na tecnologia e velhas novidades, apontando sua seta para outros tipos de entretenimento que tem maior relação com as imagens em movimento, como a televisão, computadores, internet, celulares, dentre outras tecnologias, que não estão próximas às caixinhas cheias de histórias e imagens chamadas livros, mas que precisam mais que um passar de olhos para serem abertas.

Esta fragmentação do tempo é comentada por Leyla Perrone-Moisés:

Na segunda metade de nosso século, os teóricos da pós-modernidade viriam dar um golpe mortal na narratividade baseada na cronologia, ao decretarem o fim das “grandes narrativas”. A fragmentação de nossa percepção do tempo, correlata da fragmentação da experiência em geral, tem feito com que a historiografia prefira ultimamente as narrativas parciais, centradas em agentes particulares que não eram levados em conta nos metarrelatos, e que interessam aos agentes de hoje, grupos ou indivíduos (PERRONE-MOISÉS, 2009, p.29).

O fato é que de pequenas bibliotecas particulares às grandes bibliotecas públicas, sejam elas de universidades, escolas, praças ou outros espaços, não tem nas suas leituras ou mesmo empréstimos de livros uma simultaneidade ordenada. O leitor escolhe uma obra, lê e posterior a isso escolhe outros livros sobre o mesmo tema, do mesmo autor ou simplesmente abandona aquele tipo de leitura. Ou seja, as leituras não são feitas em ordem cronológica de obras ou até mesmo de autores.

O consumidor de literaturas não está, mormente, preocupado com a relatividade temporal das obras, mas com o prazer da leitura ou até com as informações nela obtidas. O tempo é relativamente outro para o leitor. Ainda sobre o quesito tempo, Harold Bloom defende que:

Infelizmente, nada será o mesmo, porque a arte e a paixão de ler bem e em profundidade, que era a base de nossa empresa, dependia de pessoas que eram leitoras fanáticas quando ainda crianças. Mesmo os leitores dedicados e solitários se acham agora sitiados, porque não podem ter certeza de que vão surgir novas gerações para proferir Shakespeare e Dante a todos os demais escritores. As sombras se alongam sobre nossa terra crepuscular, e nos aproximamos do segundo milênio esperando mais escuridão (BLOOM, 2010, p. 28).

Esta sociedade ocupada e com muita pressa de tudo tem como opção de leitura clássica nomes como Dante, Shakespeare, Cervantes, Flaubert dentre vários outros autores literatos clássicos e canônicos do ocidente.

No entanto, mesmo sendo o cânone livre e acessível a autores e obras de valor estético evidente, resistentes ao teste do tempo e à concorrência de seus pares, o cânone acaba sendo influenciado por uma série de fatores. Dentre eles o ambiente universitário. Stelamaris Coser, doutora capixaba e pesquisadora de estudos literários e culturais, afirma o seguinte:

O inimigo-mor em seus ataques acaba sendo o ambiente universitário dos Estados Unidos, por oferecer guarida a tantas tendências contemporâneas indesejáveis que, segundo Bloom, teria instaurado um domínio totalitário no país. O departamento e professores de Letras, por muito tempo aliados do cânone, exibem agora programas de publicações que acolhem escritores sem imaginação e abordagens críticas que lhe parecem meras clonagens desfiguradas (BONNINI, 2011, p. 136).

O Cânone Ocidental

O crítico Harold Bloom, autor do livro *O Cânone Ocidental*, defende o mesmo posicionamento e critica veementemente a postura de pesquisadores que defendam as linhas de pesquisa “feministas”, “marxistas”, “culturalistas”, ou quaisquer outras que não partam do objeto.

Nesta linha de raciocínio, o objeto deve ser analisado pela linha de pesquisa que melhor lhe apetece, e não o pesquisador utilizar-se de uma linha de pesquisa para enquadrar todo e qualquer objeto naquela teoria ou vertente. Bloom afirma:

Fundamentalmente, o que ocorreu – e parece que agora impossível de ser revertido – foi uma coalizão de, entre aspas, “feministas”, “marxistas”, “neo-historicistas”, “materialistas culturais” e teóricos da inclinação francesa – Lacan, pseudo-Lacan, pseudo-Derrida, pseudo-Foucault. Essa coalizão apresenta hoje cerca de 70% dos professores em meio de carreira, e mais da metade deles são cultuadores fanáticos da Escola do Renascimento [...] a meu ver seu ressentimento está dirigido, antes de mais nada, contra a própria ideia de literatura como força da imaginação (BLOOM, 1995, p. 5).

Esta postura agressiva do crítico Harold Bloom não agrada acadêmicos e pesquisadores que preferem posturas mais equilibradas. Até porque Bloom é radical em sua atitude e vem na contramão das vertentes pesquisadas pela maioria dos profissionais no ocidente nos dias atuais. Sobretudo porque Bloom defende um espaço plausível para esclarecimento da literatura. “Se a crítica está morta, ou quase morta, na academia

americana [...] a próxima geração de bons leitores terá que vir de fora da universidade” (BLOOM, 1995, p.5).

Juntamente a está proposta, Bloom sugere que agências de publicidade, a mídia em geral, assim como agências de relações públicas dentre outras esferas, devem fomentar a leitura e a divulgação da literatura de qualidade.

Tais manifestações e posicionamentos, tensos e acalorados ou até radicais como são taxados certos posicionamentos de Harold Bloom polarizam, com certa frequência, o posicionamento de estudos literários tradicionais.

A pesquisadora Stelamaris Coser traça um panorama desta realidade no Brasil e em outros países como Portugal e outros países da América Latina. Ela afirma:

Em vários países se repete tanto o interesse pelas novas tendências críticas, quanto a reação defensiva de disciplinas literárias estabelecidas à contaminação dos estudos culturais (traduzidos e adaptados de várias maneiras). Em Portugal, por exemplo, Machado (2001) observa que os Estudos Culturais emergem de maneira “um tanto espetacular e frequentemente bem superficial”, espécie de moda que ameaça substituir o enfoque literário com a “redução da estética à sua estrita função de produção sócio-cultural e a uma codificação de caráter histórico-ideológico frequentemente moralizante” (COSER, 2011, p. 139).

Tanto reações favoráveis às novas tendências quanto a negação delas se repete em vários países. No Brasil, desde 1990, cresce o interesse acadêmico pelo cruzamento da literatura e cultura. Esta vertente inclui ainda expressões contemporâneas de cultura de massa, ou cultura popular.

Temas relacionados a gênero, raça ou etnia e aos estudos culturais são bastante comuns nos dias atuais na academia no Brasil. Acompanhando este crescimento, a ANPOLL² criou o GT “Mulher e Literatura”, e a Universidade Federal de Santa Catarina um encontro interdisciplinar intitulado ‘Fazendo Gênero’, são alguns exemplos da expansão dessa vertente de pesquisa.

Considerações finais

A discussão sobre a composição do cânone literário é vasta e polêmica. Desta forma, há muitos críticos literários e outros estudiosos da literatura que desejam sua extinção. Porém a manutenção do cânone literário se faz necessária, tanto para os autores

² ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Informações retidas do site <http://www.anpoll.org.br/portal/>

que almejam um dia participar desse seleto grupo, quanto para os leitores que podem contar com um parâmetro de valores.

Apesar de ser excludente, uma vez que a cada nome que é “eternizado” no rol do cânone, tantos outros ficam descartados, o cânone é necessário para que haja um padrão. A existência dele dá aos leitores uma espécie de plano de leitura, que pode ou não ser seguida, e caso seja seguida pode e deve ser questionada. Há uma importância de valores muito relevante no questionamento.

O crítico Harold Bloom, por exemplo, defende o 7º apêndice do livro *Cânone Ocidental*, uma lista chamada por ele de plano de leitura, que indica o cânone, na opinião dele. Este rol de autores e títulos é destinado aos leitores anglo-americanos, como indicação do que deve ou não ser lido por eles, caso desejem uma boa obra literária. A exclusão de inúmeros autores considerados de grande valor literário pela academia não faz da lista de Bloom inválida, como também não a faz obrigatória. Ela serve apenas de base para indicação para leitores dentro e fora da academia, uma espécie de ideograma.

Referências

- BONNICI, Thomas. FLORY, A. Villibor. PRADO, M. Roberto. *Margens Instáveis*. Maringá. Eduem. 2011.
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso*. Tradução de Cleonica Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor das obras crítica de escritores modernos*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
- QUEIROZ, Rachel. *Dôra, Doralina*. Rio de Janeiro. José Olímpio Editora. 1989.
- QUEIROZ, Rachel. *João Miguel*. Rio de Janeiro. José Olímpio Editora. 1969.
- QUEIROZ, Rachel. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro. Media fashion. 2008.
- QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. São Paulo. Editora Siciliano. 1993.